



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS

**AS PAREDES DO BANHEIRO COMO SUBJETIVIDADE NAS INTERVENÇÕES
VISUAIS E COMUNICAÇÃO ENTRE OS ALUNOS**

Macapá – Amapá

2017

GERFSON NEGRÃO DOS SANTOS

LUCIENE COSTA DOS SANTOS

**AS PAREDES DO BANHEIRO COMO SUBJETIVIDADE NAS INTERVENÇÕES
VISUAIS E COMUNICAÇÃO ENTRE OS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso –TCC
apresentado do Curso de Artes Visuais da
Universidade de Federal do Amapá –
UNIFAP.Polo: Macapá
Orientador: ProfºMs. Mauricio Remígio.

Macapá – Amapá

2017

Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Licenciatura em Artes Visuais

**Título do Trabalho: As paredes do banheiro como subjetividade nas
Intervenções Visuais e comunicação entre os alunos.**

Autores: Gerfson Negrão dos Santos
Luciene Costa Santos

Defesa em: ___ / ___ / ___ Conceito obtido: _____

Banca Examinadora

Prof^oMs Mauricio Remigio Viana (Orientador)

Prof^oMs José de Vasconcelos Silva
(examinador)

Prof^aDra.Silvia Carla Marques Costa
(examinadora)

RESUMO

Esta pesquisa busca discutir e problematizar as questões referentes às visualidades, no contexto escolar, do comportamento dos alunos e suas intervenções feitas nas paredes do banheiro da escola José Ribamar Pestana, o que é considerado, por parte da comunidade escolar, como ação depredatória. Aproveitou-se da pesquisa etnográfica para conhecer e refletir a partir da realidade dos alunos e de professores no ensino de artes, como ainda através de autores da cultura visual. Esta escola por sua vez pertence à rede pública de ensino que fica localizada no município de Santana estado do Amapá. Na escola foram produzidos relatos, registros fotográficos e análises dessas imagens. O que resultou em nossas observações com base nas práticas de intervenções feitas pelos alunos nas paredes do banheiro, reflexo de suas experiências que estes vivenciam em seus cotidianos.

Palavras-chave: visualidades; intervenções nos banheiros; Ensino de arte.

ABSTRACT

This research seeks to discuss and problematize the questions regarding the visualities, in the school context, of the behavior of the students and their interventions made on the bathroom walls of the José Ribamar Pestana school, which is considered, by the school community, as a predatory action. We have taken advantage of the opportune moment of the ethnographic research of supervised stage to know and to reflect from the reality of the students and teachers in the teaching of arts, through authors of the visual culture. This school in turn belongs to the public school network that is located in the municipality of Santana state of Amapá. In the school were collected reports, photographic records and analyzes of these images. What resulted in our observations based on the practices of interventions made by students on the walls of the bathroom, reflecting their experiences that they experience without their daily lives.

Keywords: visuals; bathroom interventions; art teaching

SUMÁRIO

Apresentação.....	08
1 - O INICIO,ALGUMAS CONVERSAS E MUITAS REFLEXÕES.....	13
2 - O OLHAR DA ESCOLA E AS INTERVEÇÕES COLETIVAS NO BANHEIRO.....	21
2.1 Os rabiscos escritosdo banheiro como canal de comunicação.....	24
2.2 Percepções da Sala de Aula.....	28
3- AS PAREDES DO BANHEIRO COMO SUPORTE DE COMUNICAÇÃO ENTRE ALUNOS.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	50

SUMARIO DE IMAGENS

Foto 1 - Parte internada parede banheiro.....	10
Foto 2 - Parte interna da porta do banheiro.....	11
Foto 3 - Parte interna da parede do banheiro.....	11
Foto4 - Refeitório.....	14
Foto5- Parte interna da parede do banheiro.....	17
Foto 6- Parte interna da parede do banheiro.....	18
Foto 7- Parte interna da parede do banheiro.....	19
Foto 8- Parte interna da parede do banheiro.....	20
Foto 9 - Parte interna da parede do banheiro.....	20
Foto 10 - Parte interna da parede do banheiro.....	23
Foto 11- Parte interna da parede do banheiro.....	23
Foto 12- Parte interna da parede do banheiro.....	24
Foto13- Parte interna da parede do banheiro.....	26
Foto 14- Parte interna da parede do banheiro.....	27
Foto 15 - Parte interna da parede do banheiro.....	27
Foto 16- Parede da sala de aula	28
Foto 17 - Carteiras.....	29
Foto 18 - Carteiras.....	29
Foto 19-Parede da sala de aula.....	30
Foto 20 -Parede da sala de aula.....	31
Foto 21 - Parede da sala de aula.....	31
Foto22 -Parede da sala de aula.....	32
Foto 23 - Parede externa da quadra.....	33
Foto 24 - Parede externa da quadra	33
Foto 25 - Porta do banheiro.....	35
Foto 26 - Porta do banheiro.....	35
Foto 27- Parte interna da parede do banheiro.....	36
Foto 28- Parte interna da parede do banheiro.....	36
Foto 29- Parte interna da parede do banheiro.....	37
Foto 30- Parte interna da parede do banheiro.....	38
Foto 31 - Parte interna da parede do banheiro.....	38
Foto 32 - Porta do banheiro.....	39
Foto 33 - Parte interna da porta do banheiro.....	41
Foto 34 -Parte interna da parede do banheiro.....	42
Foto 35- Parte interna da parede do banheiro.....	43
Foto36 - Parte interna da parede do banheiro.....	44
Foto 37 - Parte interna da parede do banheiro.....	45
Foto 38 - Parte interna da parede do banheiro.....	46
Foto 39- Parte interna da parede do banheiro.....	47
Foto 40- Parte interna da parede do banheiro.....	47

APRESENTAÇÃO

A pesquisa inicialmente deu-se no período do estágio supervisionado, onde deveríamos conhecer a comunidade escolar e suas problemáticas, ao elegermos a escola em que faríamos o estágio fizemos algumas reflexões a começar pelo muro da escola no faz pensar sobre o saudosismo de um tempo em que íamos à escola, sem preocupação nem tão pouco sobre as problemáticas que envolvem a educação e o ensino de arte. Durante essas observações ainda reflete-se o tempo da insegurança, do medo, do abandono e até mesmo do descaso que estão visíveis no cotidiano escolar e estampado nas paredes gastas dos muros da escola.

A escola de nossa pesquisa fica no município de Santana, Escola estadual José Ribamar Pestana funciona em 3 turnos, sendo de ensino fundamental do segundo seguimento e ensino médio. Há um quantitativo de 758 alunos matriculados e, destes, aproximadamente 40 não frequentam mais a escola. Este dado, embora seja alarmante, a escola se orgulha de ter o menor numero de evasão desde 2003, pois no anos anteriores a escola sofreu grandes evasões.

Nesse processo, ao entrar na escola, surge à insegurança, o medo de não conseguir e de não ser bem recebido, pois trata-se de um processo complexo, que causa insegurança e desconforto, e que nos leva a zonas até então desconhecidas e inexploradas, as “zonas de penumbra” como sugere Alice Martins (2013, p.184)

Embora inseguros, foi no estágio em que nos deixamos ser tocados como tema de nossa investigação: os rabiscos nas paredes do banheiro. O tema nos despertou o interesse em conhecer mais sobre os rabiscos nas paredes, sobre a comunicação que se estabelece entre os discentes através desses rabiscos expostos nos banheiros da escola. Por meio da observação e da interação na escola durante o estágio supervisionado percebemos a importância da convivência no campo de pesquisa. Nesse sentido, Agier(2015), destaca que:

Não existe etnólogo sem uma partida, sem sair de casa e ir olhar o mundo, que começa bem perto, além do círculo privado, da casa, dos sentimentos familiares, amorosos, fraternais. Tomar uma distância daquilo que constitui o seu “eu” é o primeiro passo. Não dos damos conta ainda de como este momento é fundador, pois é nesse distanciamento de si que se criará a relação com aqueles que são ainda desconhecidos e se tornarão

suficientemente próximos, um dia, para que um conhecimento nasça desse encontro. (AGIER, p. 19)

Assim, antes mesmo de irmos à escola, refletimos durante o processo de preparação do estágio supervisionado sobre alguns questionamentos, entre eles, a pergunta: “O que se vê e deixa de ser visto na escola?”

A partir de tais questionamentos, no nosso primeiro contato, observamos o que a escola pode oferecer no que diz respeito a sua estrutura física: pinturas antigas nas paredes, algumas partes do teto sem forro, bebedouros sem água, portas sem maçanetas, pias quebradas, salas abandonadas, lixo exposto, entre outros que já imaginávamos

Ao iniciarmos o estágio começamos a produção de dados de diferentes formas. No intuito de darmos início a nossa pesquisa, buscávamos respostas as nossas inquietações que naturalmente iam surgindo no decorrer do tempo. Inquietações essas que estavam presas as nossas inseguranças enquanto pesquisadores, o que nos fez pensar se seríamos aceitos, se conseguiríamos dar prosseguimento, qual o grau de receptividade da escola, dos alunos, dos professores diante da nossa pesquisa se haveria ou não alguma incompatibilidade e obteríamos êxito no que havíamos nos proposto a fazer.

Diante de tantas dificuldades, aos poucos, nos cercamos de uma espécie de roteiro para termos um norte direcionador. Pensávamos nas perguntas que faríamos tanto aos alunos como ao corpo técnico da escola. Durante todo o percurso, para tentar nos envolver com o campo e com o tema da pesquisa, fazíamos uso de registros fotográficos, bate papo com alunos, entrevistas semi-estruturadas, relatos e anotações de campo.

Ao longo da pesquisa, foram surgindo novas percepções e questionamentos que nos fizeram pensar: De que forma eram desenvolvidos os rabiscos? Quais materiais eram utilizados? Qual momento era propício para o ato? Eram feitos de forma individual ou em grupos? Havia rivalidades entre os mesmos? Por que preferiam o banheiro para desenvolver os rabiscos? De que forma a Escola age diante disso? Tomamos por base essas indagações que nos faziam pensar sobre às intervenções que os alunos realizavam de forma clandestina nos banheiros da escola.

De acordo com Agier (2015), quando nos colocamos na condição de observador levamos conosco para campo parte daquilo que conhecemos,

aprendemos, vivemos como ainda nossos preceitos, preconceitos e conceitos que gratuitamente damos sem nem ao menos refletirmos sobre o novo, ou melhor, sem nem deixarmos o novo se mostrar. Assim, “tomar uma distância daquilo que constitui o seu “eu” é o primeiro passo” (AGIER, 2015 p.19).

A cada dia percebíamos que as inscrições nas paredes (rabiscos), não somente nas paredes dos banheiros, mas em certas salas de aula e muros da escola, se apresentavam como um processo contínuo e persistente dos alunos.

Fizemos vários registros do mesmo local e, a cada registro, sempre havia uma escrita diferente do que se tinha visto anteriormente, sempre sobrepondo às outras escritas mais antigas, em formas de destaque. Com isso, nossa atenção tornou-se minuciosa, estávamos atentos para cada detalhe. Percebemos que essas escritas/rabiscos eram feitas por alunos de diferentes turnos e idades, transformando as paredes em um suporte para essas intervenções coletivas.

Foto1 Parte interna da parede do banheiro



Fonte:Gerfson e Luciene 2016.

As sobreposições conversam entre si formando uma nova imagem que, embora confusa, ainda é possível ler o que está por trás da primeira imagem feita a lápis de uma tímida declaração: “Te amo Gabriel”, sobreposta por pincel atômico que reforça a ideia anterior porém, declarando-se a outra pessoa: “ te amo Lucas

Lucco.” Ladeado por ofensas como: “buracuda” e “sapatona” .Nessas intervenções dos alunos feitas nas paredes do banheiro fica perceptível uma mistura de sentimentos expressados por palavras de baixos calões, pornografias, desacatos, ofensas, declarações, palavras de ordem, romances etc.

Foto2Parte interna da parede do banheiro



Fonte:Gerfson e Luciene 2016.

Foto3Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

No capítulo I intitulado como: um início algumas conversas e muitas reflexões apresentamos inicialmente por meio de nossas observações as estratégias de abordagens as quais fizemos para nos aproximarmos dos discentes e darmos sequência a nossa pesquisa, além de também conhecer a comunidade escolar, sua realidade e o entorno da escola. Detectamos através da insistente conversa com a direção os conflitos que a escola vem passando nos últimos anos. Coleta dos relatos dos alunos sobre a sensação que existe quando riscam as paredes dos banheiros. Neste capítulo trazemos para reforçar as idéias levantadas por autores como: Denzin e Lincoln(2006) Lucia Nunes(2012) e Raimundo Martins(2014) e Paula Sibilia(2012).

No capítulo II: Olhar da escola e as intervenções coletivas no banheiro. Apresentamos o currículo escolar e suas problemáticas além de que situações do dia a dia da escola. Percebemos a repugnância por parte do corpo técnico da escola sobre o comportamento dos alunos. O posicionamento da escola nada favorável a respeito das intervenções que surgem nas paredes do banheiro. Os conflitos entre os alunos e a direção. Linguagem variada que surge por meio das intervenções existentes no banheiro e o cenário que lá se forma. Apresentamos também ainda neste capítulo Os relatos da comunidade escolar sobre o banheiro que percebemos como canal de comunicação e suas oposições vistas pela escola como vandalismo. Observamos a sala de aula fazendo descrições deste espaço, além de como a escola compreende a arte. Idéias sustentadas pelos autores como, Alice Martins (2008), Fabiana Nunes (2012) Raimundo Martins(2011) Irene Tourinho(2010), Victorio Filho (2007), Fernando Hernandez(2011), Gustavo Barbosa(1984), Paula Sibilia(2012) e Paul Duncum(2011)

No capítulo III As paredes do banheiro como suporte da comunicação entre alunos, Abordamos os olhares e as reflexões com base nos relatos de opiniões de alunos, diretor, professores e outros sobre as imagens que se formam na parede do banheiro, na busca pela compreensão de ter ou não este como suporte comunicativo entre os alunos. Os Autores que corroboram para este momento são: Paul Cezanne(2014) Paula Sibilia(2012) , Raimundo Martins(2014)

1- O INICIO ALGUMAS CONVERSAS E MUITAS REFLEXÕES

No nosso primeiro contato com a escola, para nos aproximarmos dos alunos pensamos em encontrar uma estratégia, para aos poucos conquistar a confiança dos discentes e iniciarmos nossas conversas com eles. Tarefa nada fácil. A própria coordenação sugeriu que poderíamos escolher o aluno e eles chamariam para conversar conosco, porém essa estratégia não nos agradou, pois a nossa intenção não era intimar tão pouco intimidar nenhum dos alunos, tínhamos o interesse de interagir com eles.

Achamos que esse ato poderia provocar exatamente o que não queríamos na nossa pesquisa, pois o então “escolhido” poderia não ter relação alguma com os rabiscos do banheiro ou simplesmente negar ou mostrar desconhecimento sobre o fato, pois o faria pensar já que a escola o chamou para conversar, certamente a mesma poderia estar investigando como ainda o aluno entrevistado acionaria os outros colegas e isso levaria a nossa pesquisa a caminhos não desejados por nós. Nesse sentido, de acordo com Denzin e Lincoln:

[...] Não existem observações objetivas, apenas observações que se situam socialmente nos mundos do observador e do observado – e entre esses mundos. Os sujeitos, ou indivíduos, dificilmente conseguem fornecer explicações completas de suas ações ou intenções; tudo o que podem oferecer são relatos, ou histórias, sobre o que fizeram e por que o fizeram (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.33).

O ideal da pesquisa é deixá-los à vontade para conversar quando quisessem sem pressão, ou por algo em troca, que não fosse apenas à troca de experiência. Essa aproximação é a comunicação necessária para o andamento, não só do projeto, mas como para a nossa realização e satisfação enquanto pesquisadores. E ninguém melhor que esses alunos praticantes da ação, habitantes daquele espaço que para nós era totalmente novo, e diferente do que já vivemos outra realidade, outra época que somente eles poderiam nos guiar e nos fazer ver o que queríamos compreender. Nesse sentido, a produção de dados na abordagem qualitativa pode localizar o :

O pesquisador qualitativo que emprega a montagem é como um confeccionador de colchas, ou um improvisador de jazz. Esse confeccionador costura, edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e trás uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.19).

Optamos a principio pela abordagem nos corredores, porém os grupos aos poucos se dispersavam, ou ficavam apenas um instante lá fora e depois retornavam para a sala. Depois observamos que havia dois momentos de maior concentração dos alunos: na entrada, pois eles ficavam do lado de fora da escola esperando a campainha soar para entrar na escola e na hora do intervalo, onde parte dos alunos se não a maioria do ensino fundamental e médio, ficavam no refeitório.

Foto.4 Refeitório da Escola



Fonte: Gerfson e Luciene (2016)

Assim, compreende-se que a escola é feita de muitos momentos, na hora do intervalo, por exemplo, muitos alunos se reúnem no refeitório para lanche, conversar, brincar, rir, trocar experiências, relatar como foi à prova do horário anterior, pegar cola com o colega para a prova no horário seguinte, aproveitamos então este momento de concentração dos alunos para conversamos com eles a

respeito do dia a dia na escola, a realidade vivida por eles dentro e fora do espaço escolar até chegamos ao assunto dos rabiscos dos banheiros, a principio eles pareciam inseguros, nos questionavam varias vezes se não os iríamos denunciá-los, se essa conversa era idéia do diretor, que segundo eles certa vez a direção punia os alunos que pichassem o banheiro, resultando na expulsão da escola. Nesse sentido Nunes e Martins nos ajudam a compreender que:

A escola projeta estudantes com formação homogênea, regulados e normatizados na contramão de realidades contemporâneas que demandam sujeitos autônomos, criativos e flexíveis em uma sociedade caracterizada pela incerteza (NUNES, MARTINS, 2014 p 186).

A partir de tal compreensão, no que diz respeito à normatização, o diretor afirmou que a expulsão é o ato mais certo, pois faria o aluno repensar o que fez, já que foi expulso e aos demais serviria de exemplo para não se repetir, pois punir o aluno com afastamento de alguns dias não resolveria. Na compreensão do diretor, ao retornar para escola o aluno faria outra vez com a intenção de ser punido e ficar mais alguns dias sem aula. De acordo com SIBILIA:

Tais rigores alimentam as engrenagens oxidadas dessa instituição do confinamento fundada há vários séculos e que, mais ou menos fiel a suas tradições, continua a funcionar com o instrumental analógico do giz e do quadro-negro, dos regulamentos e boletins, dos horários fixos e das carteiras alinhadas, dos uniformes, da prova escrita e da lição oral (SIBILIA, 2012, p.51).

No refeitório aproveitávamos os 15 minutos do intervalo para conversar. Fizemos um bate papo deixando-os a vontade, nos apresentamos, informamos a nossa intenção enquanto pesquisadores que não era denunciar, criticar, ofender ou expor, mas sim compreender os intentos de cada intervenção realizada nas paredes do banheiro, o que eles achavam e os sentidos que atribuíam. Assim, a partir de algumas perguntas que iam surgindo, aos poucos íamos vivenciando um clima de interação. Os alunos falavam sobre suas vidas fora da escola e sobre sua rotina no espaço escolar. Muitos destes alunos são moradores do bairro onde a escola está

localizada e de bairros próximos. A comunidade é bastante carente e os funcionários, diretor, professores, técnicos, merendeiras, porteiros, auxiliares e vigilantes também moram nas proximidades.

A localização da escola fica entre uma zona de conflito perto das áreas de ressaca (conhecidas como áreas de ponte), e parte destes alunos moram ou precisam passar por este perímetro até chegar à escola. De acordo com a direção da escola, todos os anos são realizadas ocorrências policiais de situações que acontecem dentro do espaço escolar. Como exemplo, o diretor cita o ano de 2015, no qual foram 15 ocorrências, entre elas: depredação, agressão contra professores, arrombamento, furto de matérias pertencentes à escola em período da aula, assalto, agressão física entre alunos e ameaças. Em 2016 foram 23 ocorrências contra as mesmas situações já mencionadas.

Os discentes por sua vez, em seus cotidianos têm acesso a muitas informações e visualidades, as influências do meio em que habitam transborda e tudo o que vivem e com quem convivem se reflete na escola ou em qualquer outro lugar que possam estar.

Em meio a essas primeiras conversas na escola um adolescente, o qual vamos usar o nome fictício de J.F.N para preservar a sua identidade, nos relatou que já pichou o banheiro e não se arrepende. J.F.N tem 15 anos e está na 8ª série do ensino fundamental, mora na área de ponte e seu pai está preso por tráfico de drogas no estado do Pará. Seu irmão mais velho morreu em confronto de gang. Nosso interlocutor tem outros 4 irmãos que não estudam e já constituem famílias. Sua mãe é diarista e vendedora de cosméticos, o pouco que ela ganha serve para o sustento de casa para seus irmãos e sobrinhos. J.F.N revela que gostaria de ser aviador conhecer outros países e sair do Amapá.

J.F.N diz já ter usado droga com seu irmão que morreu, nunca mais usou por ter dito efeitos colaterais como forte dor de cabeça e mal estar, chegou a ser hospitalizado. O adolescente tem 4 tatuagens feitas nos braços, são imagens de um tigre e a sigla Gdp (Galera da ponte), e os nomes de seu pai e de seu irmão falecido. Segundo ele não é uma gang e sim um símbolo que para ele representa o fato de ser morador da área de ponte. J.F.N deixa escapar o seu desejo de não querer mais viver neste local por ter medo da violência.

Foto.5 Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerfson e Luciene(2016)

Riscar o banheiro é um prazer para o adolescente, enquanto nos contava esboçava sorrisos, existia nele a satisfação em fazer esse tipo de ação no banheiro. Disse que antes entrava com frequência no banheiro só para riscar e ofender quem ele nem conhecia. Ele revela que gosta mesmo é de interferir nas escritas da parede se passando por outra pessoa para ver o que acontece. Quanto maior a pichação, mais desafiadora e emocionante é para ele. Sobre ao fato de ser surpreendido ele disse: “Não tenho medo, não! Por isso eu vou lá e faço mesmo. Não vou com cara do diretor, ele é um saco. Meu irmão que morreu estudava aqui e esse bosta expulsou meu irmão porque pegou ele pichando também, desde esse dia meu irmão não quis mais estudar e saiu da escola.”

Aventura, prazer e satisfação são esses os sentimentos que são experimentados pelo adolescente ao rabiscar as paredes. Ele diz ser motivado pela expulsão do irmão, para ele toda vez que entra no banheiro nunca sabe o que vai fazer, a idéia surge na hora. Ele não gosta de desenhar prefere mesmo é escrever, ainda que com erros de grafia, o importante é se expressar, e ter a sensação de poder. Não tem a menor intenção em parar, pois quer ficar até o ultimo ano da escola. E se lavarem as paredes ou pintarem confessa que o fará novamente.

Foto.6 Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerson e Luciene(2016)

Outros 8 alunos disponíveis participantes da pesquisa disseram achar legal, admitiram já ter feito os rabiscos, mas não nos diriam quais. Para eles a emoção é tudo, além de deixar suas marcas na escola, eles acreditam que não se pode deixar o nome nas paredes, pois isso além de entregar quem fez é ato de tolo, o legal é não escrever seu próprio nome, mas sim pôr o nome de outra pessoa se passando por ela e criando conflito entre terceiros, esse sim é o barato. Citar nome das gangues que conhecem, ou que pertencem beijar a parede deixando marca de batom, escrever na porta usando corretivo líquido, vaziar a caneta propositalmente para usar a tinta, são para eles formas de ter suas marcas eternizadas nas paredes, vale muito mais do que assinar o próprio nome. Ao serem indagados sobre quais sensações sentem ao riscar o banheiro, os alunos responderam:

O **Aluno (J.D.S)**disse que: “ é legal quando eu entro no banheiro , eu escrevo algo novo, pois quando está muito parado eu escrevo logo pra ofender a galera e eles se mordem, e também falam coisas, eles não sabem que fui eu que escrevi mesmo”.

O **Aluno** relatou que: **(D.N.S)**”Uma vez quase fui expulso porque o meu colega Zé Mané não ficou esperando na porta e foi embora, a porta ficou meio

aberta e velha inspetora olhou para dentro do banheiro a minha sorte é que a luz estava apagada a velha olhou, mas como é cegueta não me viu no banheiro e continuou andando no corredor, ai eu fiquei com medo e vazei antes dela voltar.”

O **Aluno (P.O.N)** revelou que: “Toda vez que eu entro no banheiro sempre tem gente, os moleques sempre ficam lá dentro daí quando eu vou riscar um deles fica na porta observando, porque tem a velha que fica pelo corredor chamando a nossa atenção. Eu fico tenso, mas mando de boa.”

O **Aluno: (R.F.C)** diz que “ Os moleques tem tanto medo do diretor e eu não to nem ai com a opinião do diretor, ele só ameaça, grita com agente, pelos corredores, como se a gente fosse filho dele. Eu escrevo o que eu quiser, e não me importo, eu já fui suspenso e ele queria me expulsar, e não deu em nada mesmo, mas ele fica me marcando.

Foto.7 Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerson e Luciene(2016)

Compreende-se que a cada visita ao banheiro existe um novo olhar, uma nova imagem que surge de acordo com a situação em que o dia exija do discente, seja por brincadeira, por frustração, aventura, prazer ou simplesmente satisfação é quase que comum a rixa que existe não somente entre alunos, mas como também de alunos contra o próprio diretor.

Foto. 8 Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerson e Luciene(2016)

Insistentemente as imagens relevam as idéias expostas contra a punição que lhes é dada ou ameaçada caso seja descoberto o mentor das intervenções, sem nome e sem identidades essas intervenções vão surgindo de forma anônima, alcançando os limites das paredes, e quando já não se tem mais espaço elas se sobrepõem “asfixiando” a idéia anterior, fazendo-se notar.

Foto.9 Parte interna da parede do banheiro



2- O OLHAR DA ESCOLA E AS INTERVENÇÕES COLETIVAS NO BANHEIRO.

Os conteúdos legitimados do currículo buscam uniformizar os olhares, abstando as idéias e experiências dos alunos. Nestas formas de aprender e ensinar são investigadas, nesse processo, as vozes dos alunos no banheiro da escola. Acreditamos que essas vozes podem ser a matéria prima para a construção do saber, deslocando a atenção centralizada da imagem do professor que a princípio é detentor do conhecimento e que por sua vez é transferido aos alunos de forma passiva e unilateral. Assim:

Por outro lado, a experiência de cada sujeito na vida escolar, e em todos os demais processos de formação educativa, é singular, a partir de seus percursos pessoais, únicos. Nessa medida, o ambiente que pode parecer uniforme, regular e repetitivo no fim das contas propicia construções particulares, para forjar referenciais identitários em processos contínuos de transformação singulares e intransferíveis (MARTINS, 2013, p. 183).

Nos relatos da senhora inspetora que nos acompanhava durante a visita à escola, há anos atrás a escola não tinha esses tipos de problemas. A inspetora relata que era outro tempo, os alunos eram sem dúvida mais civilizados, respeitavam as normas e regras da instituição. Ela demonstrava total repugnância pelos rabiscos, os quais na sua compreensão eram feitos por “marginais mirins”. Ela insistentemente afirmava, referindo-se aos alunos do ensino fundamental, que faziam isso por serem mais novos, pois os alunos do ensino médio não faziam, em função que já serem grandes demais para saber o que é certo e errado.

A inspetora culpava ainda alguns professores por eles não terem controle de seus alunos na sala de aula, liberando de uma só vez para irem ao banheiro.

A própria **Inspetora** diz: “Esses banheiros estão nessa condição deplorável exatamente por conta dos meninos do ensino fundamental, esses marginais mirins, eles sempre ficam amontoados aqui na porta desse banheiro e logo eu já sei que eles estão é pichando a paredes, porque eles não sabem disfarçar. Os alunos do ensino médio se picham eu não sei por que não ficam aqui todos na porta, se esses professores que liberam os alunos de uma só vez para ir ao banheiro mandassem um por vez, duvido que isso aconteceria, mas eles não tem controle e dá nisso..”

A **Coordenação** se posiciona: “já perdemos as contas de quantas reuniões já fizemos com os pais destes alunos para fazer reclamações não somente sobre o banheiro que está todo depredado, mais também os corredores e as salas de aula, e nunca chegamos a um resultado, a uma mudança satisfatória no tocante a esse ato de vandalismo, os pais participam das reuniões e parecem não se afetar com nada, muitos negam a participação de seus filhos quando estes são flagrados, chegamos a um determinado momento em que tínhamos 10 alunos suspensos por semana por conta desse disparate.”

O **Diretor**: “eu entendo que eles são jovens, porque eu também um dia já tive a idade deles, porém na minha época as regras eras respeitadas, os alunos compreendiam, ouviam, aceitavam com mais facilidade, nós éramos punido por qualquer motivo, não tínhamos a liberdade para quase nada dentro da escola, era pura disciplina, e todos se não a maioria viviam em harmonia, raramente se tinha um aluno detido, ainda mais por motivos torpes como esses de pichar as paredes do banheiro, muito diferente de hoje em dia, que não há o menor respeito e consideração, o aluno faz o que quer quando quer, hoje, eu na condição de adulto e diretor do colégio sinto na responsabilidade de manter a ordem, porque essa escola tem um histórico nada invejável.

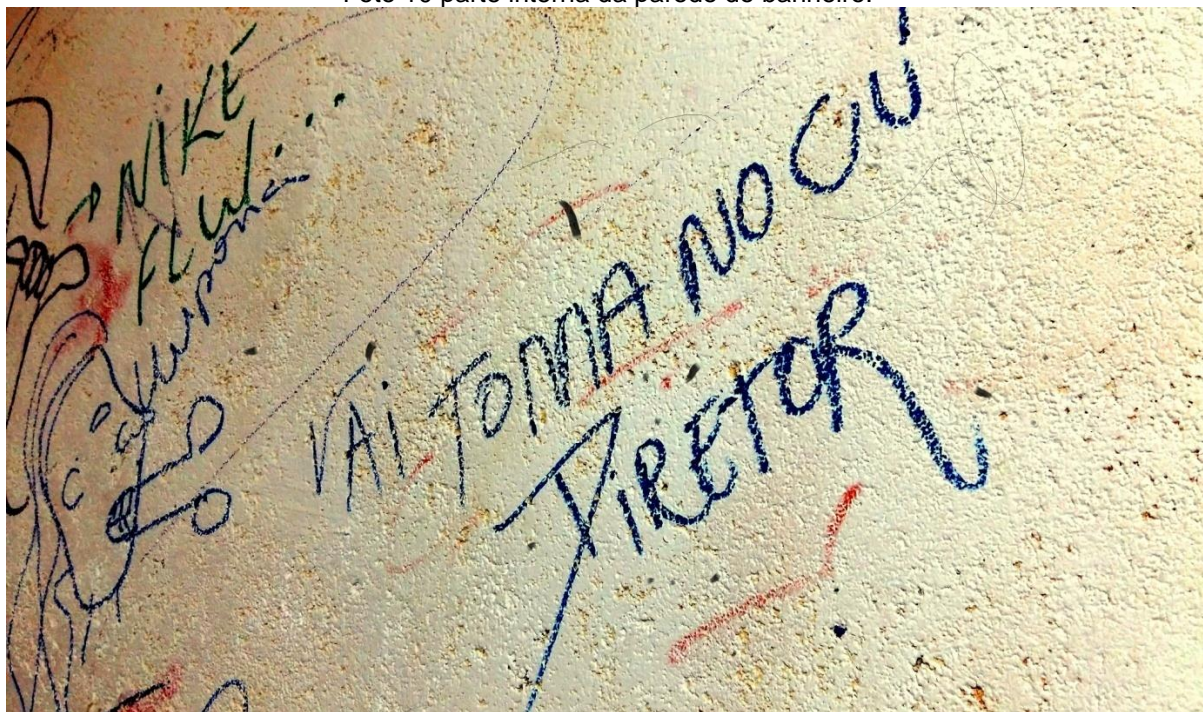
Assim, no que diz respeito às mudanças nas maneiras de se relacionar com o mundo, os jovens com o passar do tempo, de acordo com a autora Paula Sibilia, afirma que “os dramas vividos pelos jovens atuais não são os mesmo que foram vividos pelas crianças e os jovens de outros períodos da modernidade” (SIBILIA, 2012, p.153). Dramas estes que em determinamos momentos a escola nem sempre abre espaço para discutir as necessidades dos alunos, e, acaba por impor regras e condições moralizadoras, cobrando do jovem de hoje posturas do jovem de ontem.

Ainda em nossa pesquisa, como vimos nos depoimentos acima, parte dos alunos da escola ignora, ou mostram não se importar com a opinião que venha da direção. Eles fazem suas intervenções nas paredes e atacam o diretor da escola, com insultos, piadinhas o qual tem a sua opinião formada sobre esse ato que considera como vandalismo e depredação.

Ficou claro nas conversas com o diretor a sua indignação referente às intervenções que a escola vem sofrendo nos banheiros. Segundo o diretor, ele mesmo persiste em mudar e moldar o comportamento dos alunos para que evitem a “sujeira” nas paredes do banheiro ao fazer reuniões com os alunos e os pais. Ele reconhece que com o passar dos anos essa relação tornou-se perigosa, uma

verdadeira rixa involuntária entre ele e os alunos. Para o diretor é frustrante as insistentes repetições de vandalismo.

Foto 10 parte interna da parede do banheiro.



Fonte: Gerson e Luciene 2016.

Foto 11 parte interna da parede do banheiro.



Fonte: Gerson e Luciene 2016.

2.1-Os rabiscos escritos do banheiro como canal de comunicação.

As paredes do banheiro da escola tornaram-se com o tempo uma espécie de suporte, campo de discussão e desabafo dos alunos. Aos poucos foi surgindo um canal de comunicação, pois é através deste suporte, já todo rabiscado, que os alunos assistem e participam ativamente das rixas que surgem entre grupos rivais, as disputas por territórios, convites para festas, ameaças, datas, ofensas, nomes de pessoas, seus próprios nomes, despedidas, marcas feitas de batom, esmalte, corretivo liquido, tinta de caneta e pincel, entre outros.

Foto:12 Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerson e Luciene 2016.

Dessa forma o espaço vai se tornando um cenário de informações e sobreposições de escritas, formando assim novas imagens, as quais são transmitidas de forma coletiva e continuas por quase todos os alunos que ali frequentam , os instigando a interagir riscando as paredes criando assim um dialogo quase que involuntário. De forma anônima e adicionando mais e mais imagens, sejam elas palavras ou desenhos as intervenções modificam constantemente a visualidade, e, assim, em decorrência dessas intervenções, surgem criando e causando comunicação e provocando repulsas por parte dos que não compartilham dessa pratica.

Vejamos as falas dos nossos entrevistados quando questionados se o banheiro poderia ser considerado como um canal de comunicação entre os alunos.

A **Aluna. (S.G.L)** “ sinceramente acho uma falta de vergonha e de respeito com a escola e com os próprios colegas, a escola já fez varias reuniões sobre o estado dos banheiros, sobre a depredação da escola, eu não gosto, acho feio, eu penso que quem faz isso deve ter a sua casa um verdadeiro chiqueiro. Assim ninguém se comunica só gera brigas.

A **Aluna(F.S.S)** “ olha essa pergunta é interessante porque eu nunca tinha pensado assim, mas é essas paredes todos sujas são sim uma forma de expressão dos meninos e de algumas meninas, porque por lá eles se ofendem, brigam mandam recados que olhando nos olhos não teriam coragem, ou seja funciona.”

O **Aluno (P.O.N)** “ infelizmente não dá tempo de desenhar nada na parede, porque sempre entra gente lá dentro. Daí se fosse para desenhar ia ficar feio tipo tudo tremido. Ai o jeito é escrever alguma coisa lá, ofender algumas molecas , porque se for pra escrever declaraçãozinha to fora, eu gosto de bagunçar com os caras também, pra mim, eu acho que me comunico porque sempre tem resultado e as vezes eu fico olhando pras coisas que fazem na parede nem vejo a hora passar. to nem ai.”

A **Inspetora:** “olha querendo ou não esses bando de sujeira nas paredes, eu acho que é mesmo uma forma deles se comunicarem, porque se ofendem alguém lá o ofendido vai ler e depois vai se defender. Isso eu vejo muito quando chega um aluno na coordenação reclamando que alguém riscou nome dele na parede ou ofendeu a família dele. Já tivemos vários casos como esses.”

A **Coordenação pedagógica:** ”a escola é totalmente contra toda e qualquer tipo de violência e essa depredação reflete uma violência a qual nós não aprovamos de forma alguma. E consideramos como vandalismo. E não há a menor possibilidade deste ato ser considerado como comunicação.”

O **Diretor.** “Esses banheiros não vejo nada além de um monte de palavrões e sujeiras, eles pensam que não sei. Já puni muitos alunos por esses atos e continuarei, eu não aprovo, não vejo como arte, e nem tem como ver. Eles podem conversar se quiser sem precisar destruir banheiro na desculpa de se comunicar. Isso não existe. Pois as salas, os banheiros, os corredores, a escola de modo geral não foi feita para isso.”

Assim, percebemos a amplitude da questão onde o que é visto para escola como vandalismo e depredação do local, para alguns alunos passa a ser um espaço

de distração, comunicação e liberdade, onde se permitem ir além do proibido para expressar suas iras, desejos, sensações e aventuras.

De acordo com os autores Raimundo Martins e Irene Tourinho as percepções dos alunos são mediadas pelos valores da cultura visual que os circundam, nesse sentido:

Crianças, adolescentes e jovens são, provavelmente, os mais influenciados pelo contexto, pelas informações, referências e valores da cultura visual que os rodeia. Seus interesses, conhecimento, identidades e, principalmente, seus afetos, são contagiados por essas influências e incorporados aos seus modos de vida, passando a fazer parte de suas subjetividades e sensibilidades (TOURINHO, MARTINS, 2011, p.55).

Os diversos rabiscos nas paredes dos banheiros surgem ganhando sentidos, são realizados por alunos, que encontram na ocasião possibilidades para expressar aquilo que na maioria das vezes são oprimidos e submetidos a um padrão escolar que os silencia. Estes rabiscos tomam espaço tornando este suporte como canal útil e funcional de comunicação espontaneamente.

Foto:13Parte interna da parede do banheiro



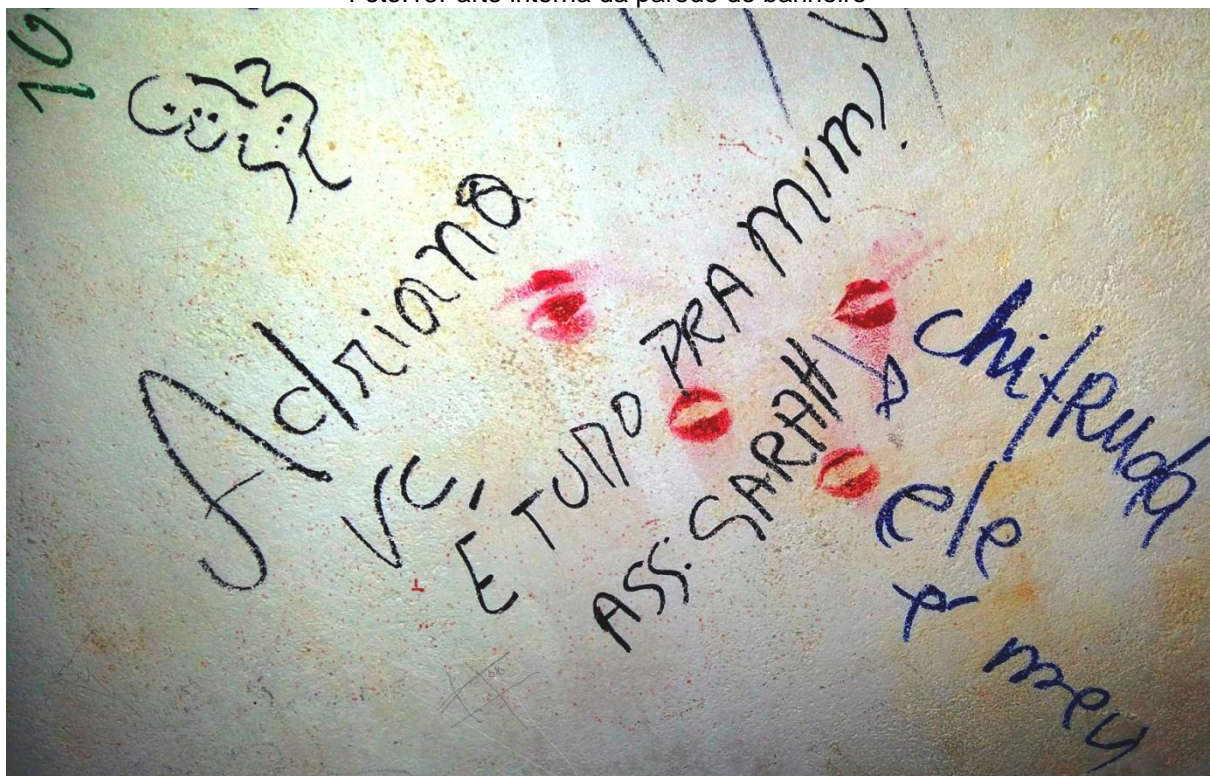
Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto 14 Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto:15Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerfson e Luciene 2016

2.2-Percepções da sala de aula

A sala de aula é espaço para troca de experiências entre os discentes e o docente ou pelo menos deveria ser. Como afirma Nunes (2017), é importante que o educador reavalie suas praticas de modo que possa contemplar as experiências dos alunos, nesse sentido :

Mais uma vez recai sobre o educador toda a responsabilidade de reverter o quadro, pois sabe-se que fora da escola o aluno tem acesso a uma gama de atrativos, que desperta prazeres no aluno, como: sociedade, mídias, redes sociais. Dessa forma, é natural que o aluno anseie por um ensino que desperte-lhe prazer, onde ele se sinta acolhido e possa interagir. Cabe ao educador refletir, avaliar e aprimorar constantemente sua prática (NUNES 2017 ,pag. 81).

Nas nossas observações na sala de aula percebemos que quase não havia nenhum cartaz e os poucos que tinham já estavam rasgados ou manchados, eram trabalhos de alunos de outros turnos. As paredes estavam sujas, pelo efeito do tempo, e notoriamente não passava por reforma e nenhum tipo de cuidado ou reparo. As salas estavam rabiscadas, porém os rabiscos eram menores, nada a ser comparado com as intervenções nas paredes dos banheiros.

Foto: 16 Parede da sala de aula



Fonte: Gerson e Luciene 2016.

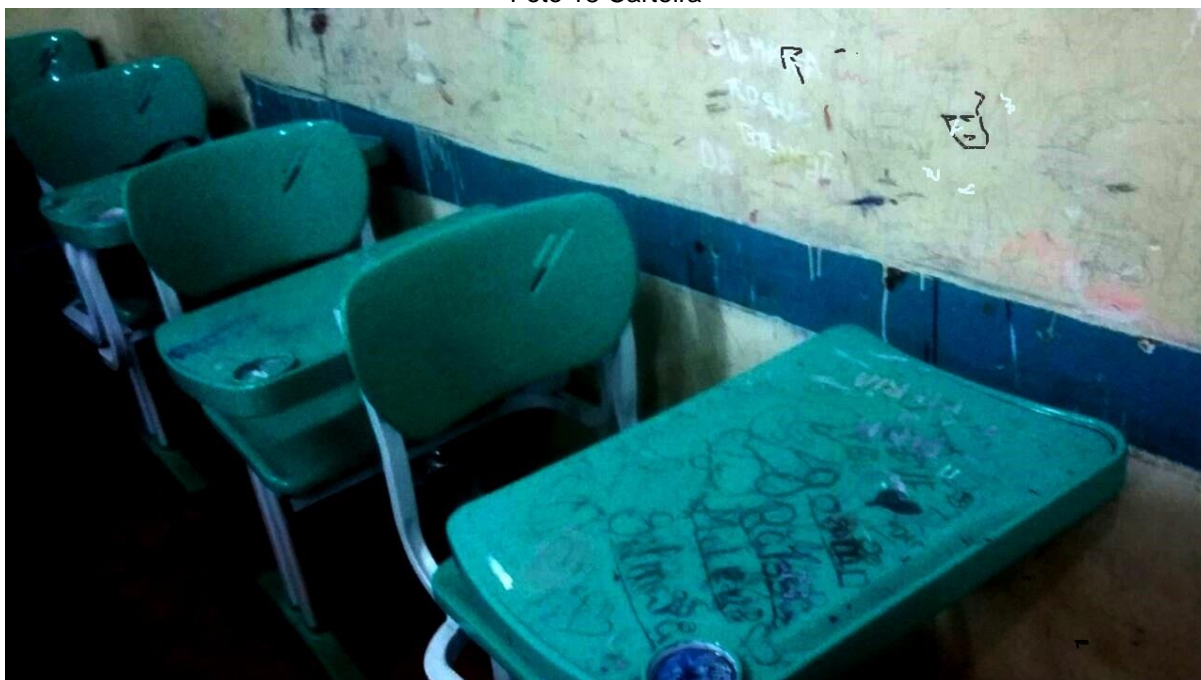
Nas carteiras pequenas sobreposições, em função do espaço ser pequeno, quem escreve escolhe, na tentativa de ter sua frase em destaque para que a mensagem seja lida. São frases curtas, apelidos, números de telefones, números das turmas, siglas, marcas de corretivos, tinta de caneta vazada, algumas tentativas de rasuras e pequenas declarações de amor, entre outros. as quais continua idéia

Foto 17Carteira



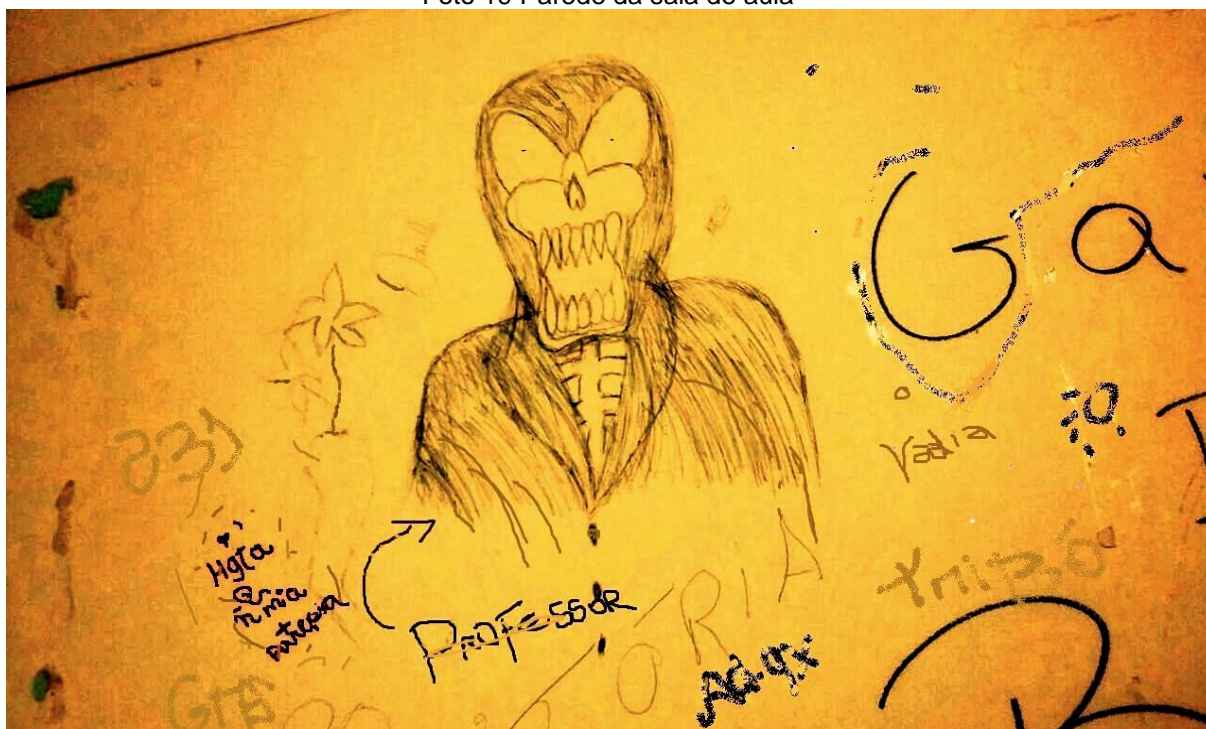
Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto 18 Carteira



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto 19 Parede da sala de aula



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

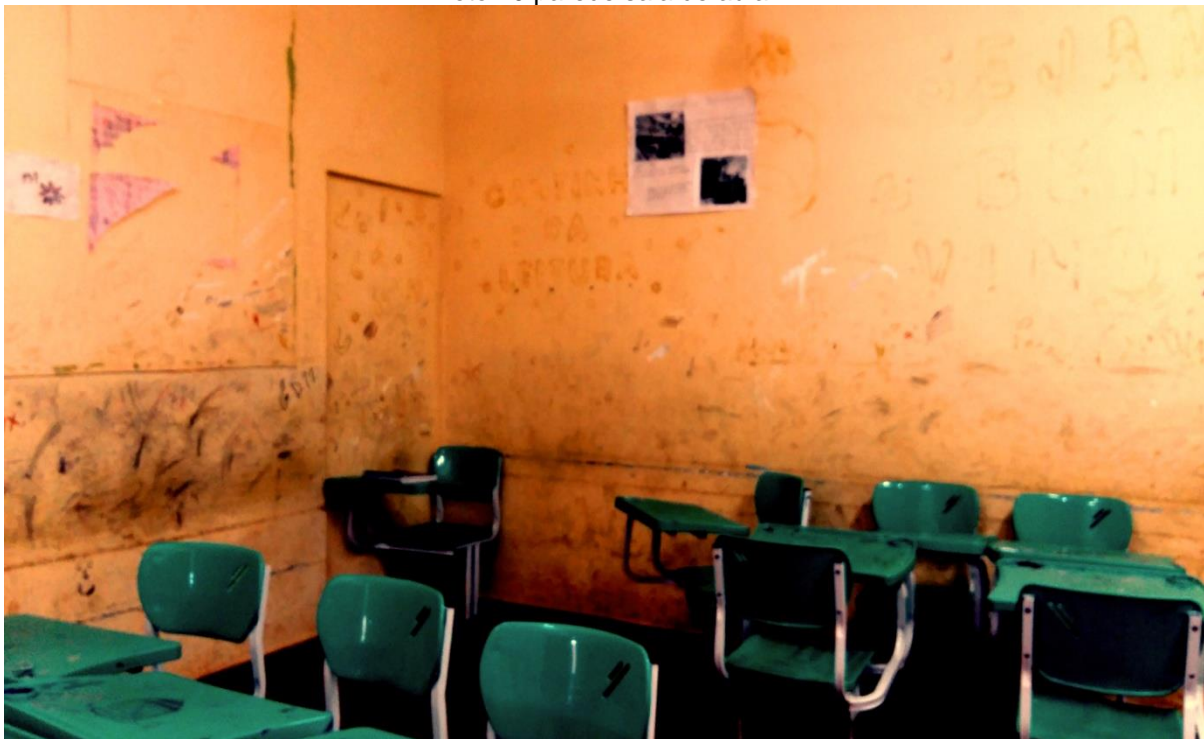
Para Martins (2006), nas instituições educacionais, o papel da arte e da imagem competem em articular e evidenciar a diversidade de sentidos e significados, mas não possui a intenção de “refletir a realidade ou torná-las mais real; porque indivíduos de um mesmo grupo comunidade, podem conviver com as mesmas imagens, mas cada um as vive e as interpreta de maneira diferente, criando brechas e espaço de diversidade”(p.74).

As experiências vivenciadas no cotidiano de cada aluno permitem com que o professor amplie o leque de informações e conteúdos do currículo ainda limitado aos moldes da modernidade, potencializando o processo de aprendizado mútuo, por vias do compartilhamento de imagens da realidade vivida tanto por discentes como pelo próprio docente. Duncun (2011, p.22) defende práticas pedagógicas baseadas na problematização das interpretações dos artefatos culturais ao dizer que “o currículo deveria, pois, basear-se na natureza da cultura visual, especificamente nas experiências dos alunos relativas a ela e integradas ao conhecimento do professor.”

Tal oportunidade da criação de diálogo no espaço escolar por sua vez, possibilita com que os alunos construam significados individuais e coletivos por meio das experiências obtidas dentro e fora da sala de aula, dando-lhes condições de

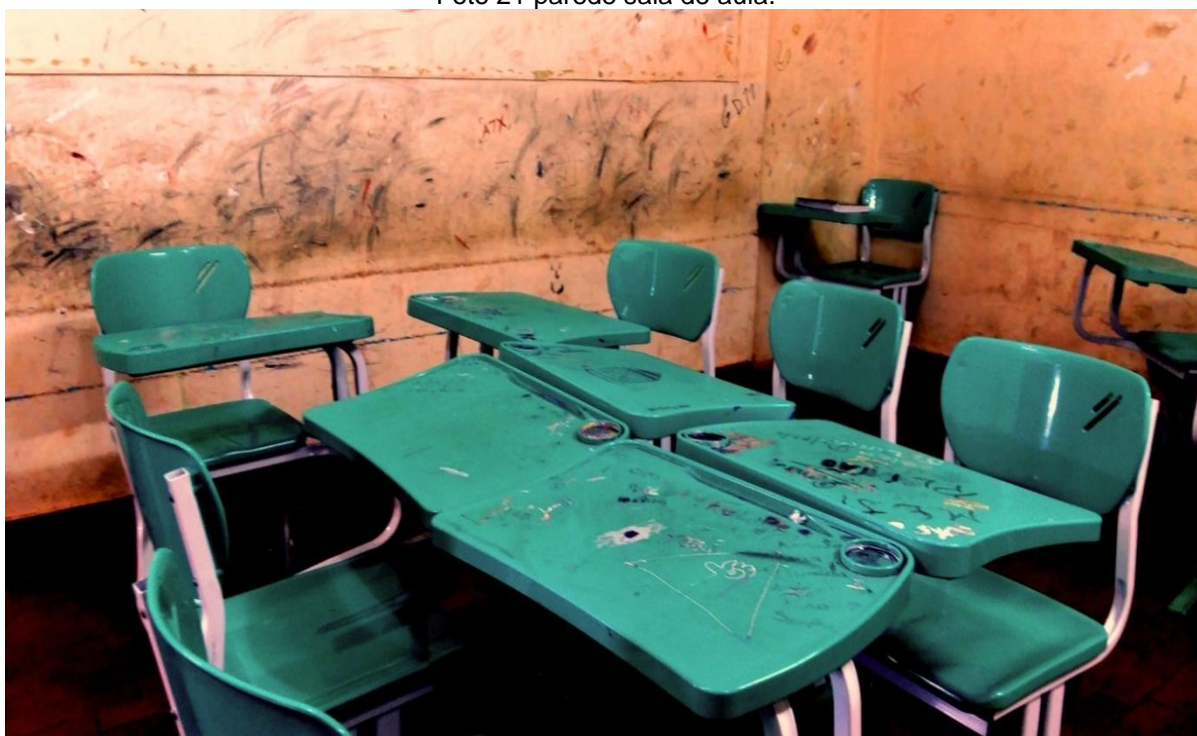
criar e interpretar a arte e o universo que lhes cerca através da sensibilidade, das representações e conceitualizações.

Foto 20 parede sala de aula.



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto 21 parede sala de aula.



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto 22 parede sala de aula.



Fonte: Gerson e Luciene 2016.

Antes de irmos ao banheiro para captarmos mais imagens, como sempre estávamos acompanhados da inspetora pelos corredores, passamos pela quadra de esporte da escola, na ocasião ela mantinha o seu portão fechado e por esse motivo registramos as paredes do lado externo da quadra, na parede as pinturas estavam marcadas pelo sol, havia uma imagem grande cobrindo uma parte extensa da parede que nos chamou atenção, tivemos as informações que a inspetora nos repassou, sobre o porque daquele trabalho.

Assim sendo a senhor inspetora disse que no período que compreende meados de outubro mês de aniversário da escola. A mesma promove um evento juntamente com um projeto de incentivo a leitura. Desta forma depois de algumas reuniões estabelecem uma temática para que os professores possam trabalhar com seus alunos e estes façam as suas devidas apresentações, as imagens nas paredes da quadra são da temática do ano anterior foi sobre preservação do meio ambiente.

Foto 23 Parede externa da quadra da escola.



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto 24 parede externa da quadra da escola.



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

A inspetora disse que os desenhos feitos nas paredes foram idealizados pela escola e realizados por alunos. A escola pensa nesses desenhos desde o começo do ano dentro da temática escolhida. Em conjunto os alunos se reúnem em volta da quadra para pintar os esboços dos desenhos feitos. Na compreensão da escola essa é uma forma encontrada para que os alunos possam expressar a “sua arte”, os distanciando de problemas. Nesse sentido percebemos que:

As imagens que prevalecem no ambiente escolar não são as artísticas, mas as marcadamente orientadas para a ilustração de conteúdos curriculares, ou para a ornamentação de instrumentos pedagógicos e espaços de convivência os mais variados(Martins, Alice, p.98).

No andamento da pesquisa, como estava em nosso planejamento, fomos ao banheiro para fazer outros registros e observações. Nesse processo estávamos cientes que:

É preciso despir-nos de preconceitos para capturarmos “os elementos constitutivos das realidades” que estamos em contato nos cotidianos. Evitar cristalizações e generalizações de conceitos nos ajudam a ampliar nosso olhar para o sutil e para o contrastante. Lidar com o imprevisível. Investigar os cotidianos é trabalhar com as oportunidades do inesperado(VICTORIO FILHO, 2007, p. 106).

Quando organizamos os registros de imagens e as anotações de campo de cada espaço da escola. (sala de aula, secretaria, coordenação, direção, refeitório, biblioteca, corredores, quadra e finalmente o banheiro). Analisamos cuidadosamente as imagens do banheiro vimos o que estava escrito, os conteúdos e os temas nas paredes. Não eram somente palavrões ou ofensas, tinham declarações, mensagens bíblicas, números de telefone, siglas, desenhos de símbolos, entre outros. Vimos ali um potencial comunicativo entre os alunos que era ignorado pela escola e apenas visto como puro vandalismo.

As imagens em questão possuem em sua estrutura uma carga de representatividade quando analisamos pelo ponto de vista da cultura visual o que nos permitiu compreender a comunicação que aos poucos se estabelece entre os discentes, embora parte delas, se não, a maioria das informações que vimos resultassem em conflitos, cada imagem possui um valor significativo individual nesse coletivo que naturalmente se forma corroborando para o projeto. Assim, essas “imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos” (HERNANDEZ, 2011, p. 33).

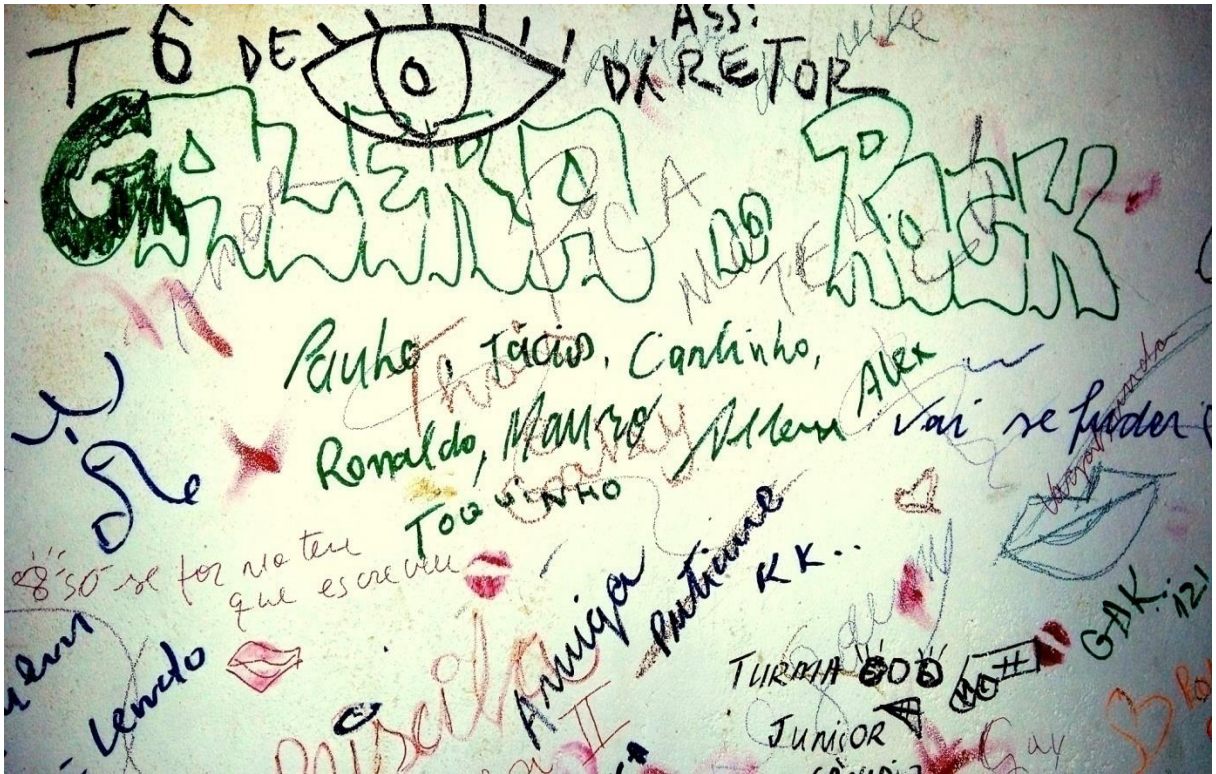
Os banheiros na ocasião eram pequenos, distribuídos em três corredores, com quatro compartimentos sanitários, destes poucos tinham suas portinholas em boas condições, por trás delas mais rabiscos feitos, nas descrições nomes e pessoas, insultos, números de turmas, sobreposições de corretivo líquido

Foto 25/26 lado interno das portas do banheiro



Fonte: Gerson e Luciene 2016.

Foto 27 parte interna da parede do banheiro



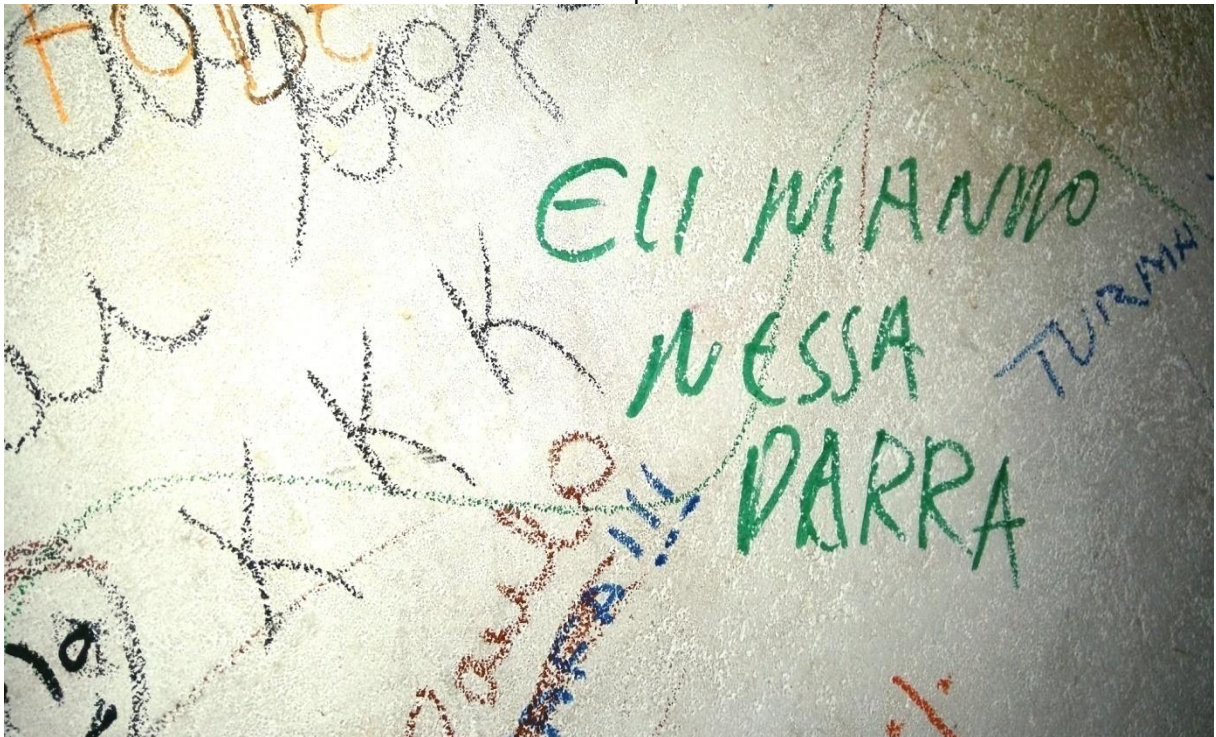
Fonte: Gersson e Luciene 2016.

Foto 28 Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gersson e Luciene 2016.

Foto 29 Parte interna da parede do banheiro



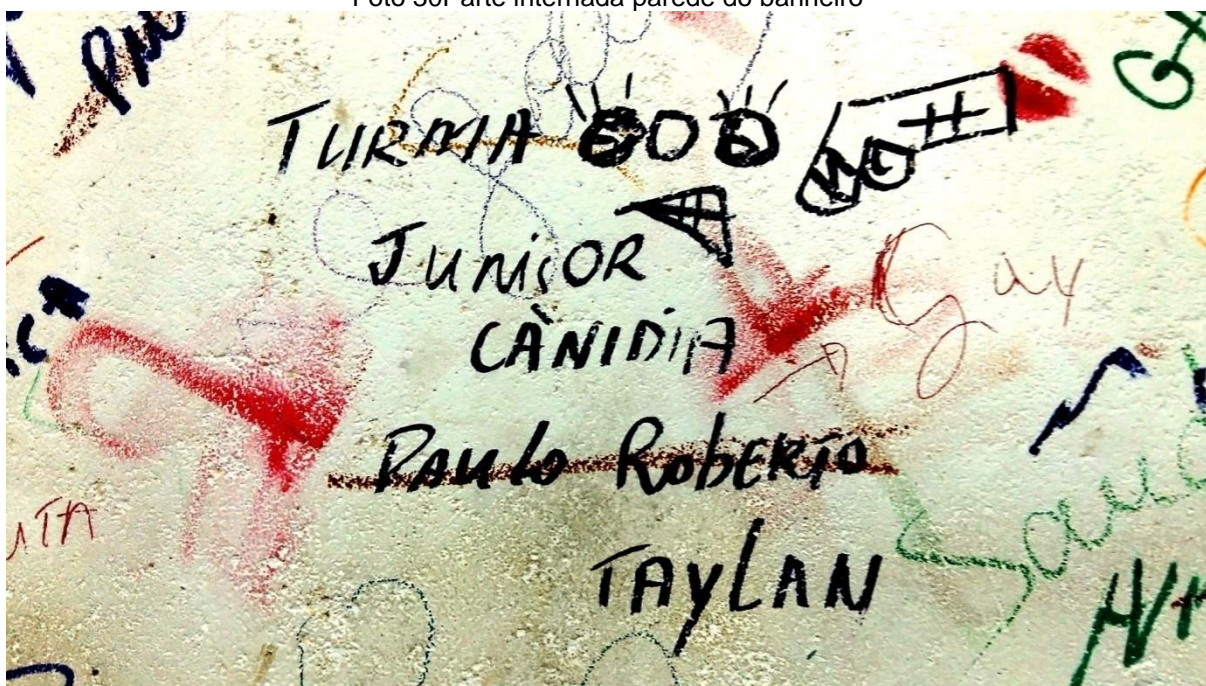
Fonte: Gersson e Luciene 2016.

Comumente partes dos alunos que rabiscam as paredes, quando pedem aos seus professores para irem ao banheiro, praticamente já sabem o que vão fazer, outros só se sentem instigados a riscar quando vêem algo escrito que os estimulem no banheiro. Por se tratar de um lugar íntimo feito para depositar as suas necessidades fisiológicas é que o aluno em muitos casos acredita estar longe dos olhos que o observa, além de sentir a sua intimidade segura pelas paredes do banheiro. Dessa forma:

Mesmo tendo-se de passar pelas barreiras do controle institucional [...], ir ao banheiro é como ir viver num “território do eu”, reserva de intimidade e individualidade. Ao se isolar num reservado, o indivíduo experimenta sensações de anonimato, liberdade e segurança que fazem do WC um lugar propício a outras atividades socialmente proibidas, [...] (BARBOSA, 1984, p. 75).

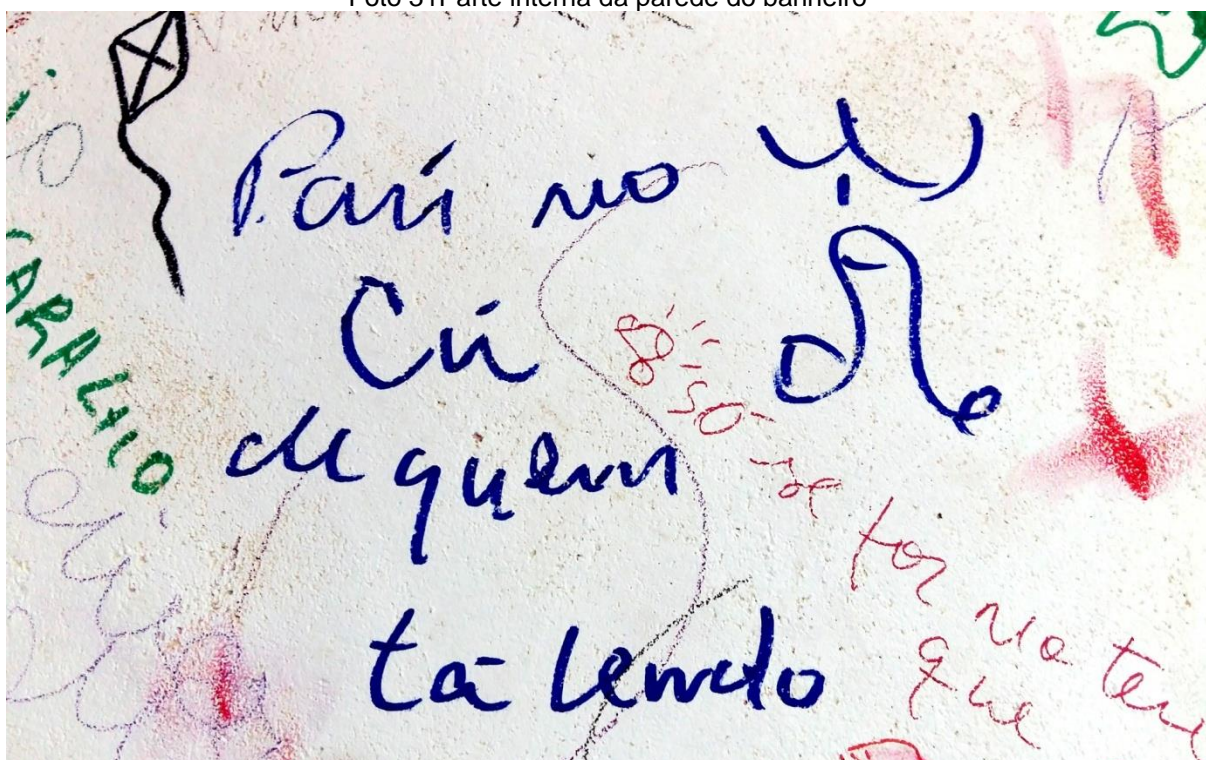
Ao compreender que o banheiro é uma espécie de local de reserva da intimidade o aluno se firma e experimenta a sensação de liberdade, e toma a próprio punho qualquer objeto com tinta que tenha a disposição para expressar o que sente, seja lá qual for a idéia. A oportunidade é única e imposta pelo silêncio da intimidade.

Foto 30 Parte internada parede do banheiro



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto 31 Parte interna da parede do banheiro



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

3- AS PAREDES DO BANHEIRO COMO SUPORTE DE COMUNICAÇÃO ENTRE ALUNOS

Foto 32 Entrada do banheiro.



Fonte:Gerfson e Luciene 2016.

Banheiro, de acordo com o Dicionário informal (SP) é definido como: 1.Espaço exclusivo para deixar parte do lado mais sujo do ser humano. 2.Espaço sagrado para provar que somos saudáveis. 3.O único lugar que faz de todos seres humano, iguais.

Essas definições elencadas acima mostram de uma forma mais direta o uso e a funcionalidade do banheiro no seu cotidiano. Se tratando do banheiro de escola, ele só reafirma essas idéias: “do lado mais sujo do ser humano”, “todos os seres humanos, iguais”. Assim, compreende-se este espaço usado diariamente sem distinção pelos discentes.

Vale ressaltar que a nossa intenção, como pesquisadores, não é falar necessariamente sobre as condições precárias as quais a escola se encontra, tão pouco falarmos do banheiro como este deveria ser ou deixar de ser visto ,denunciarmos os alunos ou impormos condições e mudanças no comportamento dos alunos na sua dinâmica do cotidiano escolar.

Nossa intenção é fazermos uma reflexão sobre as imagens dos escritos/rabiscos, desenhos, mensagens que persistem neste espaço e seus discentes.

Durante a nossa visita à escola, éramos sempre acompanhados de uma funcionária, espécie de inspetora, ela nos conduzia pelos corredores, pelas salas. A funcionária nos apresentou o diretor e alguns professores. Durante nosso percurso na escola ela comentou sobre os projetos que a escola desenvolvia e um pouco da sua longa trajetória como funcionária. Enquanto isso nos alternávamos para fazermos alguns registros fotográficos e destes, o banheiro curiosamente nos chamou muita atenção, não pela estrutura ou pela acessibilidade por meio de rampas para cadeirantes ou barras de ferros fixadas nas paredes para apoio, mas pelos tantos rabiscos, desenhos e mensagens que estavam nas paredes.

A escola possui 3 corredores e para cada corredor um banheiro, as portas não possuem maçanetas nem todas as descargas funcionavam. Percebemos algumas torneiras quebradas, louças sanitárias sem acento, não havia se quer uma lixeira, nem mesmo papel higiênico. Não havia espelho ou portas na parte interna do banheiros as poucas portas que existiam estavam danificadas. O forte odor dos banheiros sujos se espalhava pelos corredores. Segundo a funcionária que nos acompanhava ela comentou que estes banheiros eram limpos apenas uma vez por dia, considerando o grande fluxo de alunos matriculados não se poderia deixar de limpar outros lugares da escola para limpar mais de uma vez o banheiro.

Enquanto nos acompanhava, a **inspetora** falava: “eu mesma não gosto de passar por esses corredores, porque além de fedorentos esses banheiros são todos imundos e riscados, vocês tem tantas coisas pra falar da escola, vão falar justamente do banheiro? Já tivemos muitas reuniões aqui na escola, mas não muda nada, entra ano e sai ano e a direção da escola só manda o aluno que faz essas coisas ir embora, mas não resolve o problema. Pra mim tinha que chamar os pais do responsável pra fazer eles comprarem a tinta para esses meninos pintarem os banheiros, porque só assim eles vão ter consciência de preservar, do contrário vão continuar fazendo e vão ter que gastar ”.

Pelos corredores da escola quase não se via rabiscos, porém tanto no banheiro masculino como no banheiro feminino, apresentavam intervenções que imperavam, com quase sempre, o mesmo conteúdo: declarações, ofensas, desenhos, entre outros.

Foto 33 lado interno da porta do banheiro.



Fonte: Gerfson e Luciene (2016)

Há uma mistura de frases tornando a visualidade do lugar íntimo. Ao entrar no banheiro e observar cada palavra nos instigamos a tecer reflexões sobre a atitude desses alunos, muitas vezes, vistas por professores, funcionários e diretores, e por alguns alunos como vandalismo, sujeira e depredação do local. Os alunos que praticam esses atos, mesmo correndo o risco de serem punidos, se arriscam e continuam a desenvolver esses rabiscos.

Segundo o diretor da escola os alunos se sentem desafiados por outros colegas quando vêem o que está escrito a seu respeito nessas paredes do banheiro. O diretor relata que normalmente são ofensas, palavrões e que isso é uma vergonha, pois são alunos que estudam e recebem educação, por isso espera-se outro tipo de postura. O diretor fala que não gosta de entrar nesses banheiros, mas se flagrar qualquer aluno depredando vai até as últimas consequências para punir, porque isso, na visão do diretor, não passa de puro vandalismo

A professora de artes visuais quando questionada sobre o que achava das intervenções no banheiro, afirmou que não costuma entrar nesses banheiros, pois os professores têm banheiro na sala dos professores. A professora relata que já entrou para lavar as mãos e achou interessante as coisas que eles escrevem e lamenta que a escola veja apenas como vandalismo e se preocupa em apenas punir os alunos. A professora compreende que é uma forma de expressão dos alunos,

pois no dia a dia eles não podem expressar esses conteúdos porque sempre terá alguém para tolir, sejam os pais, colegas, ou os próprios professores. A Professora diz que na sua sala de aula gosta de ouvi-los e compreende essa ação como um caminho para construir boas relações.

Foto 34 parte interna da parede do banheiro.



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

De acordo com uma aluna entrevistada, a qual vamos chamar **Aluna (A.N.S)** “cara acho top escrever, beijar na parede para deixar a minha marca sem assinar meu nome, agente faz isso porque nós não temos espaço aqui na escola. Aqui não tem nenhuma atividade de cultura só um projeto escroto de leitura, e tipo as paredes já estão suja mesmo, uma riscada a mais ou a menos não vai fazer diferença o diretor finge que não vê ele só ameaça.”

Outro estudante, o **Aluno (M.L.C)** disse: “ eu não risco nada faz tempo, mas gosto , na hora de dar aquela mijada eu leio as paradas que a galera faz. Cara não vou dizer que todo dia ta diferente porque não entro lá sempre, mas sempre que preciso eu vou, e pode crer já ta tudo diferente eu olho bastante. Os caras já não tem onde escrever mas escrevem assim mesmo.

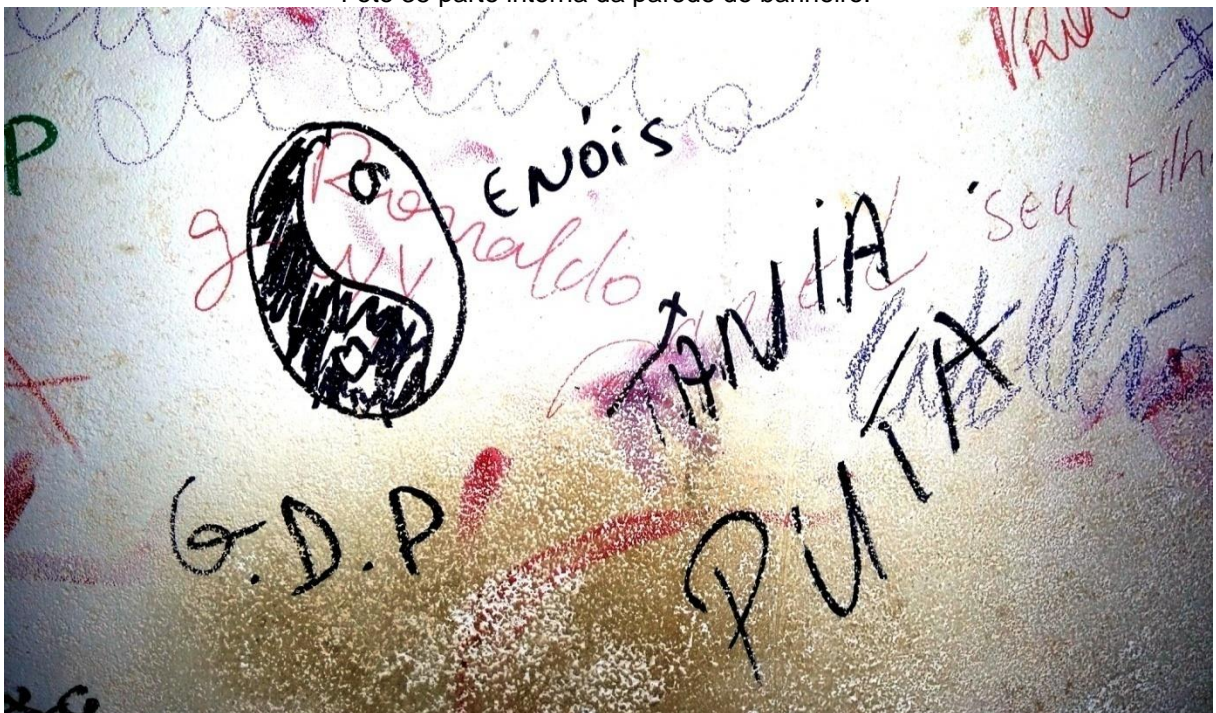
Moraes (2014) destaca que essas visualidades têm relação direta com o modo de ver e ser visto dos sujeitos que praticam tais ações. Nesse sentido, o autor diz que tais compreensões permeiam as diferentes instituições. De acordo com Moraes (2014):

É assim com as visualidades do circuito da arte e suas instituições; é assim também com as pichações, os graffiti, os desenhos, as intervenções visuais: tem sempre um anônimo verificando se houve alguma provocação, se houve alguma contribuição. Observar aquelas visualidades era observar sujeitos. Observar sujeitos era estar sujeito às visualidades (MORAES, 2014 p.).

A **Aluna (A.N.S)**, por sua vez nos respondeu : “eu leio sempre tudo o que está escrito, porque tudo sempre muda , todo dia tem algo diferente e já pensou? vai que alguém fale de mim lá, eu mesmo marco os nomes dos meninos que eu gosto da escola, eles nem imaginam, eu fico rindo, eu faço isso sempre naquela hora de passar o batom daí eu aproveito para ler. No banheiro dificilmente outra pessoa vai entrar se não for aluno então pra mim fica de boa, me sinto a vontade para fazer o que eu quiser, porque ninguém está vendo mesmo, porque se um dia me entregarem eu entrego os outros também, não sou besta.”

Os discentes têm o banheiro como refugio, é neste espaço e momento que eles não se sentem ameaçados pelos inspetores, professores ou colegas de classe, eles ao entrarem no banheiro são confrontados e ao mesmo tempo convidados a também compartilhar da ocasião, seja inserindo um novo símbolo ou defendendo-se de algo que o acuse com o seu nome ou mesmo se intrometendo na intervenção alheia

Foto 35 parte interna da parede do banheiro.

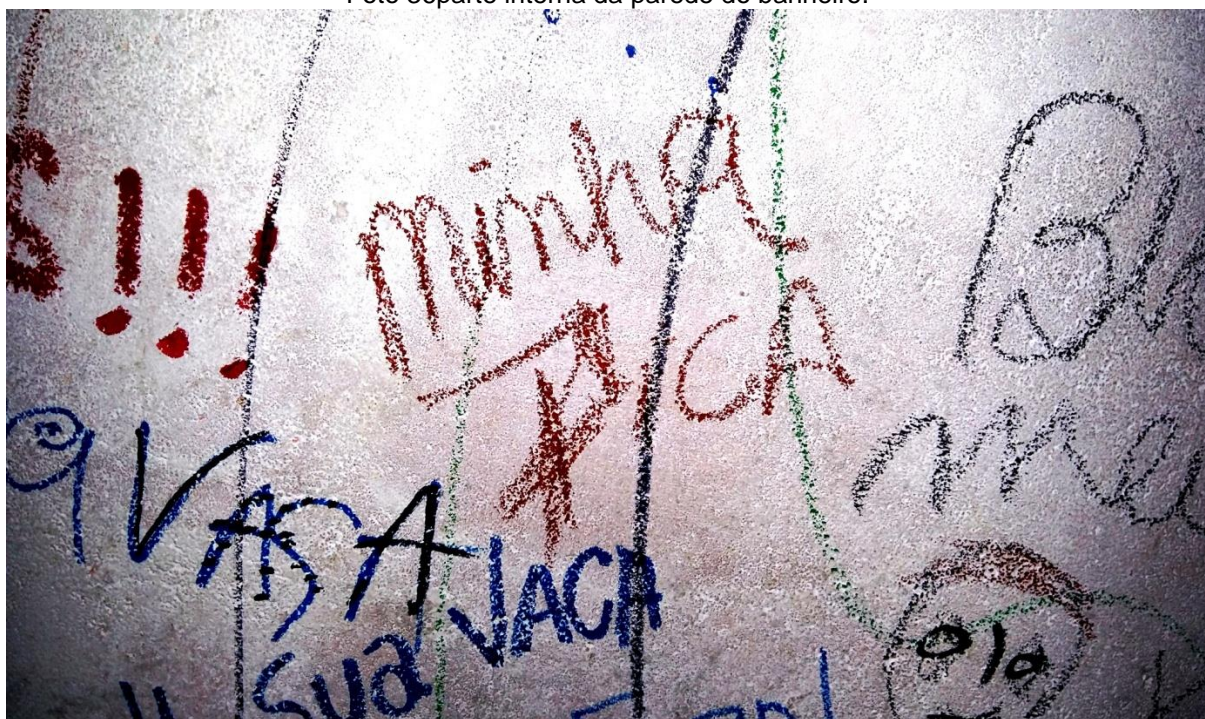


Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

. Este espaço quase que sagrado permite que o aluno aproveite-se da distração vigilante de terceiros e fique a vontade para externar suas inquietações, esbravejar, criar novas frases, desenhos sem ser criticado ou condenado. Cada símbolo expresso, nas paredes desgastadas do banheiro, representa às marcas históricas de uma época e ao mesmo tempo a resistência as outras tantas intervenções quando essas raramente não interferem no pensamento alheio. Nesse sentido é necessário considerar o dia a dia de cada discente, sua realidade e questões de conflitos pessoais e sociais, bem como o fluxo de informações e imagens as quais todos estão expostos. Assim, “em função de um mundo saturado de opções e estímulos dos mais diversos tipos, a sociedade vive em certo sofrimento por causa de dispersão que caracteriza as experiências contemporâneas”(SIBILIA, 2012 p.58).

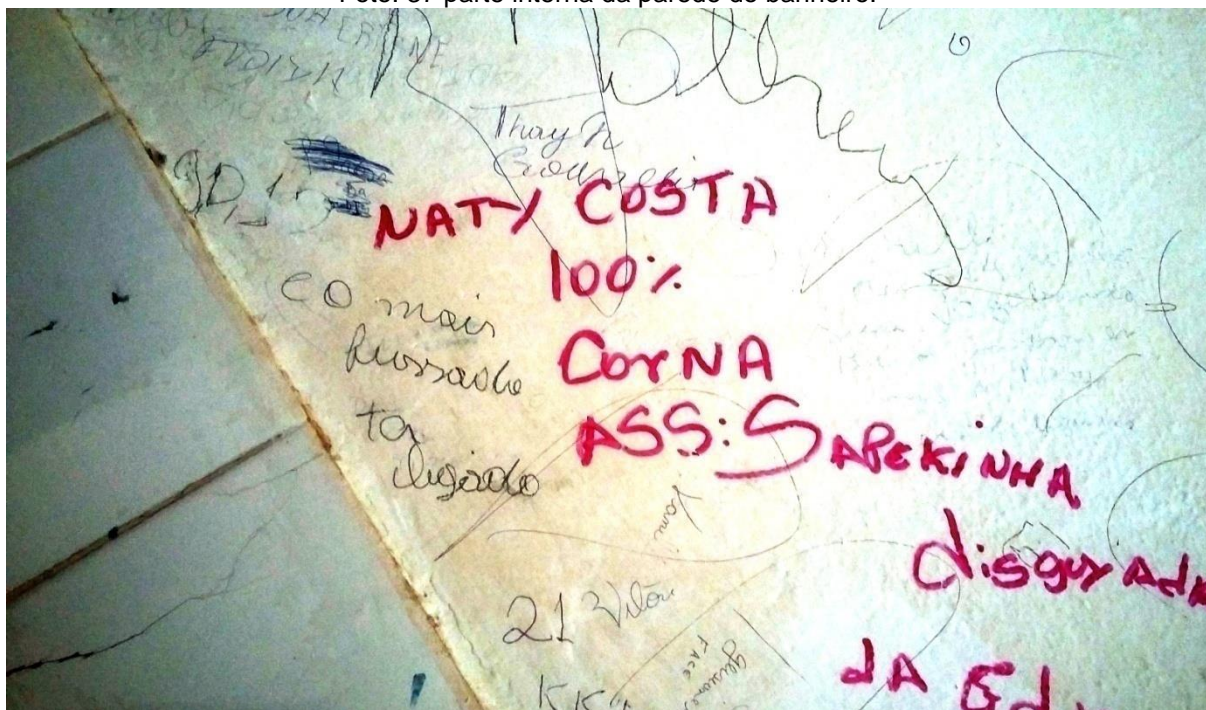
Nas paredes rabiscos e mais rabiscos, insultos, palavrões, obscenidades, palavras de ordem, nomes de alunos, de professores e de grupos que os alunos pertencem. A cada dia que íamos à escola havia mais intervenções feitas, um símbolo, desenhos, palavras sobrepostas a outras anteriores e assim insistente e sucessivamente, persistindo e disputando espaço quase que inexistente nas paredes mais do que rabiscadas.

Foto 36 parte interna da parede do banheiro.



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

Foto: 37 parte interna da parede do banheiro.



Fonte: Gerson e Luciene 2016.

Todas essas intervenções expressas nas paredes do banheiro provavelmente surgiram como um pequeno e simples sinal, nada elaborado, o qual foi dando espaço e permissão a outras intervenções e mais intervenções. As paredes dos banheiros foram aos poucos se tornando uma espécie de suporte para essas intervenções coletivas, que logo iam surgindo novas imagens, cada marca é um registro único assinado, comentado, desafiando, e disputando com as sobreposições, cada representação visual é reflexo da condição em que o discente encontra sua interpretação individual da realidade e experiência vivida tanto dentro como fora do contexto escolar. Nesse sentido, Martins (2011) afirma que:

A interpretação de objetos e imagens é uma prática que mobiliza a memória visual e reúne sentidos da memória social construída pelos indivíduos – professores e alunos – que interpretam. Nesse processo de interpretação, ao tentar compreender o sentido simbólico das imagens, os indivíduos são influenciados pelo imaginário dos lugares sociais por onde passam vivem ou habitam. O território visual onde as pessoas estão situadas – moram, frequentam, etc – ou seja, o contexto das esferas das suas relações com o mundo as coloca num processo de construção de sentidos e significados, de práticas de interpretação (MARTINS, 2011, p. 18).

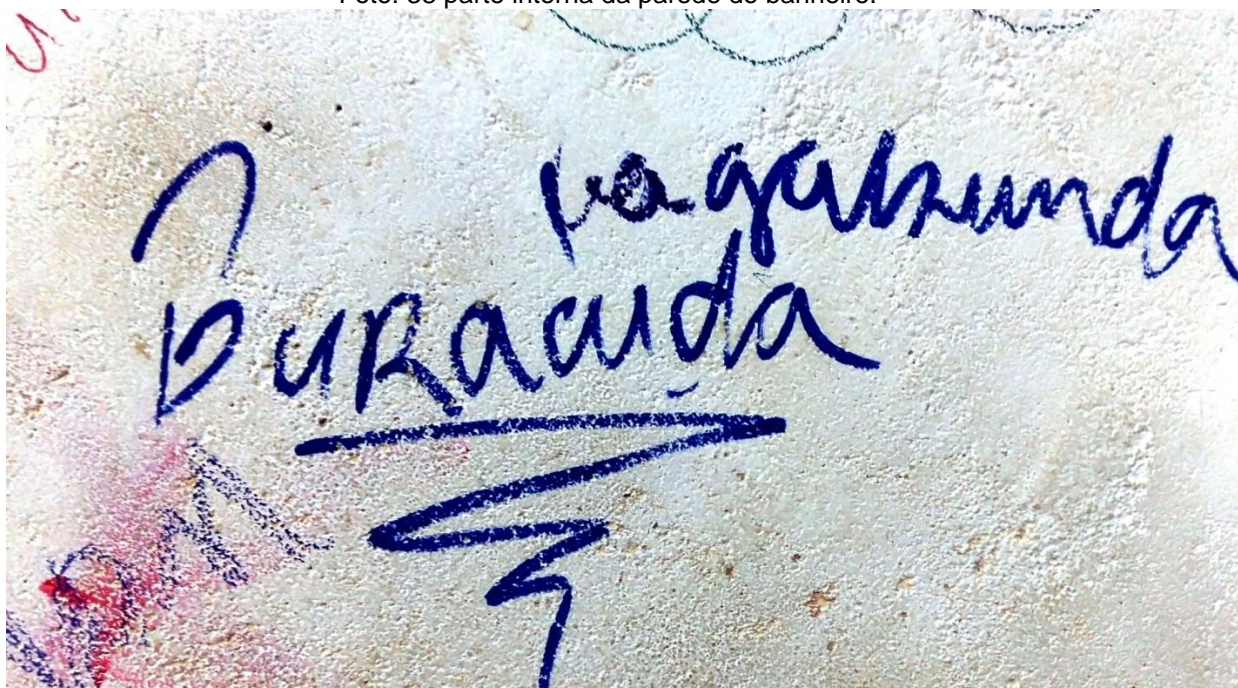
Desta forma compreende-se que cada rabisco, frase, desenhos e sobreposições são conseqüências das vivências e experiências dos alunos do seu dia a dia. São resultados das influências da sua vida cultural, do proibido, que, de certa forma, os desafia a cada visita ao banheiro, tanto dos meninos quanto das meninas.

O **Aluno(P.O.N)**“fez o seguinte relato: o banheiro pra mim é sim um lugar onde eu e os colegas ficamos a vontade, e mesmo sabendo que não pode agente faz, porque todos fazem e nós somos tipo desafiados a se defender ou pra fazer graça mesmo.”

O **Aluno(D.N.S)**disse:“ a minha influência é o rock, as musicas que eu curto, as bandas que eu gosto. já fiz algumas vezes referências disso lá no banheiro, já tentaram apagar, lavando e pintando, bobeira deles o diretor como sempre vive ameaçando, mas isso não é problema pra mim nem pros outros alunos eu vou e escrevo tudo de novo.”

Assim sendo, Por não se tratar mais, de uma parede branca, mas sim da exposição de assunto e novidades quase que diárias escritas de forma coletiva é que o banheiro se tornou de certa forma um espaço de distração, embora fétido, e em alguns casos com a sua estrutura comprometida pelo tempo, nada faz com que o aluno pare nem mesmo as regras impostas pela escola ou as ameaças daqueles que prometem entregar.

Foto: 38 parte interna da parede do banheiro.



Fonte: Gerfson e Luciene 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que aqui apresentamos é resultado das nossas investigações e inquietações dentro do campo escolar, dos levantamentos vivenciados em 03 meses de pesquisa, com visitas intercaladas, enfrentando muitas dificuldades e inseguranças aos poucos fomos nos acostumando com a dinâmica escolar com as normas e regras que a mesma estabelecia para que pudéssemos ali permanecer, mesmo diante de algumas limitações que a escola impunha precisávamos continuar a pesquisa e insistíamos de diversas formas para conversar com os alunos, professores, e até mesmo com a direção, falar do banheiro e seus rabiscos parecia ser um assunto proibido, pois outrora já teria causado muitos problemas para a escola como ainda naquele período da pesquisa que permanecia.

A cada visita uma novidade, um destaque seja no banheiro ou até mesmo nos corredores ou na sala em que estávamos, a principio todas aquelas intervenções não nos dizia nada, pois estávamos sempre acompanhados de uma profissional que imediatamente deixava sua opinião contraria ao que víamos, não ficávamos a vontade, pois esta era uma das condições para permanecermos lá. De todos os registros o que mais chamavam a nossa atenção sem duvida alguma eramos banheiros, e todas as linguagens visuais que se formavam o conteúdo em si, começamos a nos questionar, quem os fazia, quando, como, de que forma, porque, quais os motivos, o propósito, a finalidade de se escrever ou desenhar na parede do banheiro, por diversão, por brincadeira, rivalidade, ou simplesmente por não ter nada para fazer naquele momento de ir ao banheiro?

A partir desde momento surge a nossa investigação, já tínhamos os registros em mãos precisávamos então compreender esse universo que somente os alunos praticantes da ação que poderiam nos informar, pensamos então nas estratégias de abordagens para não assustarmos ou afastarmos os alunos, queríamos que eles se sentissem a vontade e interessados pelo nosso trabalho. Com o tempo conseguimos a confiança deles e por fim coletamos os relatos, não só dos alunos, mas o corpo técnico escolar.

Ao cruzarmos as imagens com os relatos vimos o grande potencial em cada uma, as desavenças, os romances, os conflitos e principalmente o poder visual e comunicativo que existe, nem eles mesmos tinham conhecimento deste fato, mas

conviviam e começaram a perceber as paredes do banheiro como canal ativo de comunicação útil. A direção fazia seu papel de repreender, punir, não precisamos de muito tempo para perceber por meios das intervenções o conflito que se instalava entre os alunos e o diretor, as declarações ofensivas, e nada carinhosas só mostravam a relação nada agradável que existia.

Os relatos da direção só reforçavam o que havíamos percebido, pois o diretor por sua vez se colocava contra essas intervenções, havia, portanto uma forte resistência dos alunos contra as normas impostas pela escola, na verdade era mais um problema pessoal, onde não havia equilíbrio e o desrespeito e a oposição imperava, é comum que a escola torne-se um lugar de grandes tensões, pois esta tenta a todo custo manter o com rigor para que exista a ordem expressa na bandeira nacional “ordem e progresso”.

Mesmo diante das repressões que a escola constantemente faz para que esta ordem exista, os alunos ousam em conflitar e não temem ser expulsos, pois acreditam por discurso próprio que a direção não tem controle de tudo que acontece, parte dessas intervenções são reflexos das de suas experiências vivencias dentro e fora do contexto escolar, seus gostos, anseios e desejos, que estão intimamente ligados ao espaço em que essas intervenções são feitas, o banheiro!

A escola é carregada de visualidades, em cada cenário sempre há algo que se destaque dentro do que se julga como normal e aceitável, as intervenções no banheiro ao contrario dessas duas palavras torna-se um cenário nada aceitável ou normal para as normas impostas pela escola, só se fala do pior que tudo isso gera, os conflitos, a rebeldia, a reprovação, a condenação, as ameaças, expulsão o que se esquece aqui é que a escola parece não acompanhar o tempo, as mudanças ocorridas na sociedade, os jovens são outros, os anseios, as inseguranças, as incertezas também são outras, portanto isso nos faz pensar o ensino de artes visuais, e sua aplicabilidade respeitando, considerando e problematizando essas e outras questões as quais surgirem, para possibilitar não somente o aluno, mas também ao professor e a todos os envolvidos a pensar sobre qualquer assunto dentro do contexto escolar, tornando-se um ganho positivo de aproximação entre o discente e o docente Amenizando conflitos aprendendo e ensinando com essas dificuldades e problemáticas.

Referencia

AGIER, M, **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**, 2015. Maceio/São Paulo: Edufal/Unesp.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro: A literatura proibida**. São Paulo: Brasiliense, 1984, 201 p.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna. O planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens. Porto Alegre: ARTMED, 2006,

DUNCUM, Paul. **Porque a arte educação precisa mudar e o que podemos fazer** MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011.

*FREEDMAN, Kerry. **Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura** visual. In: BARBOSA .. Ana Mae. Arte/ educação contemporânea consonância internacionais. São Paulo Cortez, 2005.*

HERNANDEZ, Fernando. **A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito**. In In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p.31 – 50.

MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene; **processos e praticas de pesquisa em cultura visual e educação: enfoques e deslocamentos**. In: Visualidade e educação, Goiânia: FUNAPE, 2008.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Imagem, identidade e escola**. In: Salto para o futuro. Cultura visual e escola. TV Escola. Ano XXI. Boletim 09 – Agosto/2011.

MARTINS, Alice Fátima. **Conflitos e acordos de cooperação nos trânsitos das visualidades na educação escola**. IN MARTINS, Raimundo (org) visualidade e educação, Santa Maria : Editora UFSM 2008.

MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice. **Cultura visual e ensino de arte: concepções** em diálogos, in Martins, Raimundo; NUNES, Lucia(orgs).um convite para “ Educar”/ pensar infâncias liquidadas. Pelotas. Editora UFPel, 2014.

MORAES, Paul Cezanne Souza Cardoso de. **Intervenções clandestinas**. 2014. 182 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
Disponível em: <http://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/Interven%C3%A7%C3%B5es_Clandestinas_Paul_Moraes.pdf />. Acesso em: 16 de Nov de 2016.

NUNES, Fabiana **A. Indisciplina e dispersão na sala de aula: um desafio ao educador contemporâneo.** Id onLine Revista Multidisciplinar e de Psicologia, Janeiro de 2017, vol.10.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIBILIA, Paula **A escola no mundo hiperconectado:** Redes em vez de muros? Matrizes, vol. 5, núm. 2, enero-junio, 2012, pp. 195-211 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil

TOURINHO, Irene.**Retomando um Tema Delicado: Avaliação e Ensino de Arte,** 2010

VICTORIO FILHO, Aldo. **Pesquisar o cotidiano é criar metodologias.** Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 98, p. 97-110, jan./abr. 2007.

www.dicionarioinformal.com.br/banheiro